

1. Introdução

O interesse pelo estudo de visões de mundo e projetos entre trabalhadores qualificados que motivou este trabalho nasceu da necessidade de ampliar os conhecimentos acerca de um segmento dos trabalhadores brasileiros - os trabalhadores qualificados - para além do trabalho, sem desconsiderar a importância desta dimensão em suas vidas. Pode-se pensar de forma análoga a José de Souza Martins, que, numa crítica à ótica dominante sobre a história do negro, constata

(...) a redução da realidade do negro em cativo exclusivamente ao trabalho escravo, deixa de lado outros aspectos fundamentais da vida do negro cativo, como suas crenças e seu modo de crer, os rituais, as regras de parentesco, as hierarquias, a memória mítica, a resistência, os segredos e ocultamentos. [...] a realidade profunda do negro escravo não se reduzia à escravidão. (Martins, 2000:144)

Nesta direção, este trabalho focaliza propositadamente dois aspectos - visões de mundo e projetos - que procuram abarcar as práticas e representações¹ desses sujeitos em relação a um leque de várias questões, como trabalho, lazer, família, escolas e estudos, casamento, consumo cultural, religião, metas, valores, escolhas políticas, participação, estilos de vida e sociabilidade. O que se pretende é oferecer uma visão mais ampla acerca dos trabalhadores, tradicionalmente associada ao conceito de cultura² e que permita conhecê-los como sujeitos completos, com sua história, seus sonhos, seus desafios e esperanças, e com os sentidos que vão conferindo ao que vivem, ouvem e vêem ao longo do conjunto de suas experiências de vida. A importância dada à experiência vivida é compartilhada com diversas correntes de pensamento, como a História Cultural, a Antropolo-

¹ Adota-se aqui o sentido proposto por Chartier, segundo o qual as representações são operações mentais que permitem apreender o mundo, sempre inscritas historicamente e em diálogo com outras possíveis “leituras”, gestadas a partir de outras posições ocupadas, no mundo social, por outros sujeitos. Implica um trabalho de classificação da realidade, práticas que dão a reconhecer uma identidade social e formas institucionalizadas e objetivadas que dão visualidade e permanência à existência de um coletivo. As representações são, portanto, a um só tempo, matrizes de discursos e de práticas diferenciadas (Chartier, sd). Práticas e representações articulam-se, pois, intimamente, referindo-se “a esquemas construídos, correspondentes aos interesses dos que os geram. Sendo assim, somos ‘obrigados’ a estabelecer relações entre o que é dito ou pronunciado e o lugar social daquele que o profere” (Dauster, 2000:48).

² Estou utilizando o conceito de cultura em seu sentido antropológico, que pretende abranger a teia composta pelo conjunto de significados construídos em referência às diferentes dimensões da existência humana. Tal conceito será aprofundado adiante.

gia e a Pedagogia, quando essas enfatizam os sujeitos. Nas palavras de Edward Thompson,

(...) os homens e mulheres retornam como sujeitos dentro desse termo. Não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e sua cultura das mais diversas maneiras e, em seguida, agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (Thompson, 1981: 182)

Só uma abordagem como essa possibilitará uma compreensão ampla desses sujeitos que oriente um diálogo com eles, seja nas escolas, nos processos de formação profissional, nos sindicatos, nas associações ou nos movimentos sociais, nas igrejas ou nos debates políticos, enfim, na vida social.

Além disso, a heterogeneidade é a grande marca das classes trabalhadoras brasileiras, categoria dentro na qual se encontram realidades tão díspares quanto trabalhadores do campo ou da cidade, inseridos no mercado formal ou informal, ligados a um ou outro setor da economia. Enfim, essa diversidade exige que pesquisas sejam feitas visando cada um dos diferentes segmentos desse grupo, buscando conhecer sua realidade concreta. Os estudos precursores no campo da Sociologia traziam visões negativas dessa heterogeneidade, vista como empecilho à construção de uma identidade de classe ou de ações coletivas.³ Essas concepções perduraram até os anos de 1970, quando se começou a reconhecer as diferenciações internas não mais como uma carência ou obstáculo, mas como expressão das formas diversificadas de constituição desses sujeitos (Sader e Paoli, 1986). Daí a adoção por inúmeros autores das expressões “classes populares” ou “classes trabalhadoras⁴” que assumem essa heterogeneidade.

³ Ver: VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra / UFF, vol.I, sd. AMARAL, Azevedo. *O Brasil na Crise Atual*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934. TORRES, Alberto. *A Organização Nacional*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933, e ainda a literatura referente à temática da modernização, a partir dos anos 1950 e 1960. Referidos à questão da industrialização, esses estudos apontam para os limites da classe operária enquanto possível agente coletivo, ressaltando-se seus valores tradicionais, sua dificuldade em aderir a organizações políticas, seu projeto de ascensão social (Pinheiro, 1975: 123).

⁴ Estaremos trabalhando nessa pesquisa com a noção de classes trabalhadoras conforme utilizada por Duarte, segundo a qual são “assim entendidos os grupos [muito diferenciados] de nossas sociedades modernas que não só dependem exclusivamente de seu próprio trabalho para a reprodução social como expressam nessa condição (a de *trabalhadores*) sua marca precípua de auto-identificação positiva” (Duarte, 1986:10 e 126). Segundo Guedes, há pertinência teórica na concepção de uma cultura de classe trabalhadora, ainda que sua especificidade se construa num campo sociocultural atravessado por múltiplos eixos de identificação e diferenciação (Guedes, 1997).

Assumindo que “as realidades são tantas quantas as representações” (Sader e Paoli, 1986 : 64) e que os agentes estão referidos à irredutibilidade de cada situação, diversos autores destacam a necessidade de estudarem-se os diferentes segmentos de trabalhadores em suas condições concretas, com suas práticas e representações, sempre em construção e re-construção, o que se constitui no eixo central da presente investigação, a qual se dedica ao levantamento e à análise das visões de mundo e projetos⁵ de um segmento das classes trabalhadoras brasileiras, os técnicos nível médio. Apresentam-se a seguir alguns dados a respeito de sua presença na sociedade e da relevância de um estudo dessa natureza.

Os técnicos de nível médio: presença na sociedade

No Brasil, estima-se que se formam anualmente em torno de dez mil novos técnicos de nível médio.⁶ Somente a rede de Instituições Federais de Educação Tecnológica (IFETs) conta com 20 CEFETs, 5 Escolas Técnicas Federais, 45 Escolas Agrotécnicas e 30 Escolas Técnicas vinculadas a Universidades Federais, formando, entre profissionais de outros níveis, principalmente técnicos de nível médio. Além disso, existem no país algumas centenas de instituições privadas de Educação Profissional: as escolas particulares, as instituições ligadas ao chamado Sistema S (SENAI, SESI, SENAC, SENAR, SENAT) e diversas escolas sindicais e comunitárias que também oferecem cursos técnicos de nível médio.

Na região metropolitana onde residem e trabalham os técnicos investigados por essa pesquisa, uma das cinco maiores do país, além do IT, que ofereceu 1228 vagas no ano de 2002 para seus cursos técnicos de nível médio,⁷ existe a rede formada pelas escolas vinculadas ao Sistema S e de inúmeras escolas técnicas privadas. Parece razoável estimar-se um número em torno de dois mil técnicos de nível médio formados anualmente nessa região metropolitana.

No Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de (CREA) do estado onde residem e trabalham os investigados registra-se apenas uma parcela de técni-

⁵ Essas categorias, centrais em nossa análise, serão discutidas no Capítulo 1.

⁶ Os dados a esse respeito são controversos, dependendo da metodologia adotada para tal contagem. Apenas para se ter uma idéia, com os dados de que dispomos, no ano de 1969 o MEC contabilizou 4636 matriculados em cursos técnicos industriais somente no estado onde ocorreu a pesquisa. (Ministério da Educação e Cultura, Diretoria do Ensino Industrial – Estatística 1969 Brasília, MEC/DEI, 1970, citado por Cunha, 2000 : 132)

⁷ Dados do “Manual do Candidato”, versões 2002/I e 2002/II, referentes aos processos de seleção do primeiro e do segundo semestres daquele ano.

cos formados nas áreas ligadas a Engenharia e a Arquitetura, provavelmente porque o registro os submete a uma contribuição mensal (Quadro 1).

Quadro 1: Registros definitivos de técnicos de nível médio em 1986 e entre 1996 e 2000 no CREA

ANO	NÚMERO DE TÉCNICOS REGISTRADOS
1986	2500
1996	1329
1997	1432
1998	1268
1999	1347
2000	1195
TOTAL DE TÉCNICOS REGISTRADOS ENTRE 1996 E 2000	6.571

Fonte: CREA

É inegável a presença significativa de trabalhadores com esse tipo de formação no mercado de trabalho, que, em termos quantitativos, ainda se torna mais notável quando se observa sua efetiva inserção no mercado de trabalho. Nos últimos anos, a tendência de boa parte das empresas tem sido no sentido de valorizar a escolarização e a qualificação dos trabalhadores, em função da busca de maior produtividade e competitividade. Também as exigências dos órgãos de certificação empresarial apontam para a valorização dessa qualificação (ISO). Num momento como o atual, em que as empresas buscam aumentar a produtividade adotando, entre outras estratégias, políticas de enxugamento de quadros, inúmeros estudos apontam que os primeiros a serem demitidos são os menos qualificados, elevando-se assim a porcentagem de qualificados no mercado.

Apesar dessa presença significativa dos técnicos de nível médio no mercado de trabalho e do grande número de instituições voltadas para a sua formação, existem poucos estudos referentes a essa parcela das classes trabalhadoras. Novos estudos poderiam contribuir para o conhecimento mais aprofundado desse importante segmento, ajudando também a formar uma visão mais precisa do conjunto dos trabalhadores brasileiros. Contribuiriam ainda para orientar as inúmeras instituições de formação profissional e representação sindical acerca dos desafios enfrentados por esse grupamento em sua vida cotidiana como sujeitos, como cida-

dãos e como trabalhadores, apontando temas e questões emergentes de suas experiências concretas que poderiam ser trabalhados tanto nos processos formativos quanto nas práticas dessas instituições, aproximando-as desse grupo.

Não restam dúvidas de que as políticas educacionais e, mesmo, as sindicais vêm dialogando intensamente com as “demandas de formação” propostas pelas empresas e pelo governo em nome das “novas tecnologias” de produção e gestão. Estudos que se dediquem às concepções e demandas dos trabalhadores têm sido mais restritos, especialmente a partir dos anos de 1990.⁸ Dentre os que vêm sendo publicados desde então, vários se referem exclusivamente aos dirigentes sindicais, não chegando a investigar o trabalhador comum. Mais reduzidos ainda são os estudos que investigam o universo cultural dos técnicos de nível médio,⁹ justificando-se, também por essa carência, a realização da presente pesquisa que procurará dialogar com a literatura dedicada às classes trabalhadoras em geral ou a segmentos recortados por outros critérios que não o tipo e grau de formação profissional, mas, por exemplo, a empresa em que atuam ou o bairro onde moram, podendo estar aí incluídos também técnicos de nível médio. Esses estudos ajudarão a fazer emergir os elementos e as lógicas do universo simbólico das classes trabalhadoras brasileiras com os quais também dialogam os sujeitos dessa pesquisa.

Também no campo da Educação há toda uma tradição de estudos sobre trabalhadores, sua formação e as relações entre essa formação, a dinâmica social e o mundo do trabalho. Temas como formação para a cidadania e formação profissional englobam um sem-número de questões, como: dinâmica entre forças de inserção e forças de exclusão das camadas populares na escola e na vida social; relação entre escolarização e desenvolvimento social; complexas relações entre saberes escolares, saberes científicos e saberes populares, e entre cultura escolar e cultura popular; novas tecnologias de produção e gestão no mundo do trabalho; processos de formação de trabalhadores nos âmbitos escolares e não escolares, públicos e privados; e cooptação e resistência dos trabalhadores frente aos valores disseminados pelo mundo do trabalho e pelas classes dominantes. Essa rápida

⁸ Rodrigues, 1970; Lopes, 1976; Bilac, 1978; Frederico, 1978 E 1979; Humphrey, 1979; Rainho, 1980; Fausto Neto, 1982; Woortman, 1984; Macedo, 1985; Minayo, 1986; Duarte, 1986; Martins, 1989. Na década de 90, podemos citar: Pessanha E Morel, 1991; Guimarães, Castro e Agier, 1995; Guedes, 1997; Abramo, 1999; Abramovay et al, 1999.

⁹ Agier e Guimarães, 1995; Laudares e Tomasi, 2001. Estes últimos discutem o contexto econômico-produtivo em que os trabalhadores técnicos de nível médio se movem e suas implicações para a qualificação, mas não pretendem trabalhar com as representações dos sujeitos.

listagem mostra por si só a relevância dos temas abordados para o campo da Educação, sua amplitude e a importância da pesquisa para seu aprofundamento.

As práticas e decisões envolvidas na formação de trabalhadores, nos sindicatos, escolas e cursos profissionalizantes, ONGs, movimentos sociais e políticas públicas exigem o conhecimento de seu mundo de cultura no mínimo, daqueles segmentos de trabalhadores com os quais essas instituições atuam mais diretamente. Tal exigência provém de alguns pressupostos pedagógicos que nos dias de hoje se tornaram praticamente consensuais, ainda que enfrentem substantivas dificuldades para sua realização. O primeiro deles é aquele que defende o protagonismo dos sujeitos em seus processos formativos. Para que isso ocorra, torna-se relevante conhecer o mundo de cultura desses sujeitos e incorporá-lo, de forma ativa, às atividades formadoras. Significa incorporar esses sujeitos não só como aparelhos cognitivos a serem desafiados, construídos e/ou abastecidos, mas como sujeitos socioculturais, seres humanos complexos e contraditórios, em suas múltiplas dimensões de ser.

Um segundo pressuposto, ou princípio pedagógico articulado à necessidade de se conhecer visões de mundo e projetos de trabalhadores, é aquele que defende que qualquer processo educativo deve estar comprometido com a formação para a cidadania, para a inserção na vida social. Obviamente, isso implica ter diagnósticos claros e análises aprofundadas das circunstâncias concretas atuais da vida social, cidadã, para trazê-las e problematizá-las nos processos formativos.

Um terceiro pressuposto, mais referido às dinâmicas de aprendizagem, defende a necessidade da articulação entre as novas informações e concepções a serem trabalhadas pelo aluno, o seu universo conceitual prévio e a vida social concreta. São as concepções prévias dos educandos e a significação social concreta dos saberes as principais fontes de significado para as aprendizagens, favorecendo a construção de sentido para as temáticas em análise. Para trazê-las ao processo de aprendizagem, é fundamental conhecê-las.

Um quarto pressuposto, diretamente ligado à educação profissional, defende que, sem pretender jamais formar para atender exclusivamente às demandas do mercado de trabalho, a educação profissional não pode, entretanto, desconsiderar os movimentos que aí ocorrem, suas tendências e suas contradições, instrumentalizando o aluno para uma visão mais complexa e menos ingênua a esse respeito.

Se conhecer a realidade e interpretá-la é preceito básico dos processos educativos, é fundamental levar em conta os diversos âmbitos espaço-temporais dessa realidade: do mais local ao mais global, do momento contemporâneo às suas origens históricas. Um dos debates que englobam essas reflexões é o que se faz em torno dos conceitos de modernidade, modernidade tardia ou pós-modernidade.¹⁰ São inúmeras as argumentações em torno do real caráter do atual momento histórico: se ultrapassamos os parâmetros da modernidade e nos encontramos num outro momento histórico (pós-modernidade) ou se estamos numa fase de aprofundamento dos pressupostos modernos (capitalismo tardio ou modernidade tardia). Porém, é inegável que as dinâmicas identitárias vêm se alterando, e com elas, talvez, as visões de mundo de inúmeros habitantes do planeta. São patentes e profundas as mudanças na sociedade em nível mundial, como a aceleração do desenvolvimento científico e tecnológico, estabelecendo novos padrões em diferentes áreas, com a reorganização da produção e do consumo, criando novos segmentos sociais e padrões de racionalidade.

Esses padrões de racionalidade dialogam com o fenômeno denominado por Giddens como *compressão espaço-temporal*, com inúmeras implicações. O desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte leva os tempos e espaços a encurtarem-se, e há uma enorme multiplicação das oportunidades de encontro entre pessoas e grupos, bem como de circulação de diferentes tipos de informações e de linguagens. Através de canais pelos quais a cultura do consumo e seus produtos penetram nos espaços mais remotos, circulam também concepções e modos de vida alternativos, os mais diversos. Está cada vez mais posta a possibilidade - e a necessidade - de articulação internacional de movimentos e organizações. Define-se uma língua internacional, o inglês, que intermedia esses contatos (Ortiz, 1998). Valores, estilos e formas de pensar estendem-se, dialogam entre si, transformam-se mutuamente em movimentos identificados como dinâmica cultural (Durham, 1977; Sanchis, 1997) ou como *culture in progress* (Agier, 2001). Ampliam-se, portanto, imensamente o campo de possibilidades¹¹ (Velho,

10 Esses conceitos, trabalhados por autores como Lyotard, Harvey, Touraine, Baumann, Jameson, Hall, dentre outros, serão melhor explicitados ao longo do trabalho.

¹¹ Segundo Velho (1994), o *campo de possibilidades* refere-se ao conjunto de símbolos ou estoque simbólico referente a constelações sócio-culturais singulares, constitutivas de modelos, paradigmas e mapas, onde os indivíduos se fazem e são constituídos, feitos e refeitos através de suas trajetórias existenciais.

1994 e 1999) dos sujeitos, os estoques simbólicos a que eles têm acesso, e complexificam-se cada vez mais as relações entre esses sujeitos e a sociedade, com suas organizações, instituições, movimentos e os inúmeros discursos aí produzidos.

Coloca-se então uma questão fundamental: Como se posicionam os homens e mulheres diante de uma civilização cuja territorialidade mundializa-se (Ortiz, 1998), em que os valores oriundos da lógica industrial e de mercado parecem penetrar de maneira decisiva e eficaz a quase totalidade das culturas locais através dos meios de comunicação de massas e do controle das economias nacionais centralizado nas grandes corporações? A literatura aponta para um processo de homogeneização cultural que ocorre paralelamente a um acirramento de particularismos, talvez por reação à homogeneização. Nessa complexa dinâmica entre homogeneização e resgate de identidades locais ou de identidades universais alternativas, como se posicionam as classes trabalhadoras brasileiras e, nelas, os técnicos de nível médio? Estarão os trabalhadores brasileiros sendo seduzidos ou manipulados, conforme acreditam alguns, pelo canto da sereia entoado pelo mundo corporativo e veiculado pela poderosa mídia? Estarão esses trabalhadores desvinculando-se de quaisquer perspectivas sociais, calcadas em valores comunitários ou coletivistas e investindo todas as suas energias em projetos individuais, “fluidos e mutáveis” a serviço exclusivamente de sua própria ascensão social e porta-vozes dos interesses das empresas? Resistirão eles na defesa de uma cultura de classe, de valores tradicionais construídos ao longo de sua história? Estarão eles recriando valores, projetos, visões de mundo e estilos de vida, atuando como vanguarda operária? E, ainda, que papel estaria sendo desempenhado, nesse complexo processo, pelas diferentes instâncias formadoras a que os trabalhadores têm acesso ao longo de suas trajetórias de vida?

Essas são as questões gerais que pretendo discutir ao longo desse trabalho. A fim de enfrentá-las, o texto foi organizado em capítulos, que acompanham, dentro das limitações de uma pesquisa acadêmica, as trajetórias de vida de alguns técnicos e de suas famílias, da origem quase sempre rural à vida social e profissional na região metropolitana onde todos atuam ou atuaram como técnicos de nível médio. No Capítulo 1, apresentam-se as orientações teórico-metodológicas que direcionaram a definição do grupo a ser investigado (unidade de análise), o olhar sobre esses sujeitos, as estratégias de coleta de dados e uma descrição sucin-

ta de quem é cada um dos vinte sujeitos investigados nessa pesquisa. No Capítulo 2, indicam-se as trajetórias das famílias de origem, a infância e pré-adolescência dos sujeitos, com os processos formativos por eles vivenciados e as visões de mundo e projetos que aí foram se construindo até seu ingresso no curso técnico. O Capítulo 3 traz uma descrição, a partir do olhar dos sujeitos investigados, de sua experiência em diferentes instituições educativas profissionalizantes com foco especial nas experiências vividas por todos eles durante a formação profissional no Instituto Tecnológico¹², no seio da cultura escolar que lhe é peculiar. O Capítulo 4 descreve a experiência profissional dos técnicos investigados e discute os diferentes significados a elas conferidos por esses sujeitos. No Capítulo 5 são apresentadas as experiências dos técnicos na universidade e o impacto delas em seu modo de vida. O Capítulo 6 aborda as famílias atuais dos técnicos e discute suas estruturas e significados em perspectiva com as famílias de origem, procurando detectar continuidades e rupturas no modo de vida desses sujeitos. O Capítulo 7 faz a descrição e a análise da sociabilidade dos sujeitos investigados, incluindo aí as atividades de lazer e consumo cultural. O trabalho encerra-se com as Considerações Finais, onde se cotejam os principais achados da pesquisa com algumas das discussões das ciências sociais exploradas ao longo do estudo, arrolando algumas afirmativas e, como não poderia deixar de ser, apresentando novos questionamentos e algumas propostas de investigação.

Registre-se aqui, já nessa Introdução, a consciência (que não implica conformismo, mas apenas constatação) das limitações impostas pela escolha feita de uma abordagem mais horizontal da visões de mundo e projetos do grupo investigado. Abrir o olhar ao conjunto de suas experiências (teia de significados) significou, como não poderia deixar de ser, defrontar-se com uma infinidade de campos, de temas, de questões: família, trabalho, sociabilidade, lazer, experiência escolar, formação profissional e consumo, no âmbito dos quais havia ainda inúmeras temáticas específicas, como se poderá ver ao longo do trabalho. Ora, obviamente é impossível aprofundar em cada um desses temas, dada a sua amplitude e dada ainda a amplitude da literatura que versa sobre cada um deles. Outra opção seria a de fazer um recorte mais específico, focalizando apenas uma ou duas dessas temá-

¹² Tradicional escola de educação profissional, que oferece cursos de nível básico, técnico e tecnológico, além de diversos cursos de Engenharia e Mestrado em Tecnologia, sendo a maior instituição dessa modalidade no estado onde se localiza.

ticas. Entretanto, a opção desde o primeiro momento definida foi sempre a de construir uma visão mais abrangente, em que cada prática, cada representação adquire seu sentido, articulado (coerentemente ou não) aos demais. Ganhrou-se em abrangência, oferecendo, assim se espera, um mapa geral (ainda que jamais completo) das visões de mundo desses sujeitos. Entretanto, está-se consciente das inevitáveis perdas na possibilidade de aprofundar as inúmeras questões empíricas e teóricas com que se deparou ao longo do trabalho, que, de fato, provocaram profundamente, estabelecendo um forte impulso para aprofundar algumas delas. Talvez a realização deste trabalho e sua divulgação possam seduzir algum possível leitor para uma parceria nessas futuras viagens.